

quando se encontrava desterrado na ilha de Patmos. O Apocalipse é um livro de visões místicas onde "(...) é difícil definir exatamente a fronteira que separa o gênero apocalíptico do profético; (...) mas enquanto os antigos profetas ouviam as revelações divinas e as transmitiam oralmente, o autor de um apocalipse recebia suas revelações em forma de visões, que ele consignava num livro. Por outro lado, tais visões não têm valor por si mesmas, mas pelo simbolismo que encerram. (...) (12)

"(...) O Apocalipse de João tem singular importância para os Destinos da Humanidade terrestre. (...) (24) É o que nos fala Emmanuel.

Só nos séculos XV e XVI a invenção de Gutemberg e a rebeldia de Lutero facilitariam traduções da Bíblia em idiomas nacionais, a começar pelo alemão. (...) (21)

Conhece-se também "(...) a chamada **Bíblia dos 70**, corpo doutrinário traduzido ao que se diz por 72 sábios de Alexandria, do qual teriam sido tiradas 70 cópias. (...) (21)

Recomendamos a leitura das partes essenciais do Novo Testamento, citadas nesta síntese, para maior entendimento do assunto aqui abordado.

Segundo Emmanuel (**Paulo e Estevão**) Paulo de Tarso sempre alimentou a esperança de, um dia, escrever um Evangelho decalcado nas recordações de Maria, para que tudo ficasse bem claro sobre a vida e os feitos de Jesus. Complementaria as anotações de Levi (Mateus). Mas, não lhe sendo possível realizar pessoalmente o feito, designou Lucas para fazê-lo, o qual ouviu tudo de Maria Santíssima, tendo ainda procurado diversos cristãos que testemunharam eventos da vida do Senhor, inclusive o próprio Mateus.

Mais tarde, Lucas prosseguiria esse trabalho, complementando-o com o seu *Atos dos Apóstolos*, auxiliado nessa tarefa por Aristarco, um dos que espontaneamente partilharam da prisão de Paulo, em Roma.

Quanto aos escritos e tradições orais envolvendo os fatos do Novo Testamento, há páginas valiosas no citado romance histórico-mediúnico **Paulo e Estevão**, psicografado por Francisco Cândido Xavier.

O APOCALIPSE DE JOÃO



Alguns anos antes de terminar o primeiro século, após o advento da nova doutrina, já as forças espirituais operam uma análise da situação amargurosa do mundo, em face do porvir.

Sob a égide de Jesus, estabelecem novas linhas de progresso para a civilização, assinalando os traços iniciais dos países europeus dos tempos modernos. Roma já não representa, então, para o plano invisível, senão um foco infeccioso que é preciso neutralizar ou remover. Todas as dádivas do Alto haviam sido desprezadas pela cidade imperial, transformada num vesúvio de paixões e de esgotamentos.

O Divino Mestre chama aos Espaços o Espírito João, que

ainda se encontrava preso nos liames da Terra, e o Apóstolo, atônito e aflito, lê a linguagem simbólica do invisível.

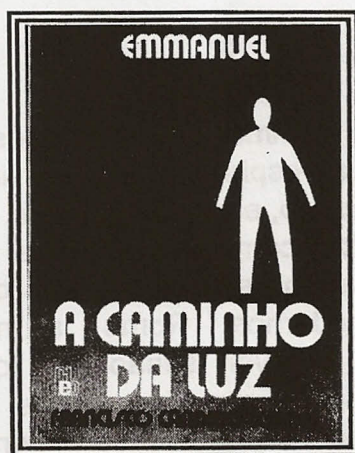
Recomenda-lhe o Senhor que entregue os seus conhecimentos ao planeta como advertência a todas as nações e a todos os povos da Terra, e o velho Apóstolo de Patmos transmite aos seus discípulos as advertências extraordinárias do Apocalipse.

Todos os fatos posteriores à existência de João estão ali previstos. É verdade que freqüentemente a descrição apostólica penetra o terreno mais obscuro; vê-se que a sua expressão humana não pôde copiar fielmente a expressão divina das suas visões de palpitante interesse para a história da Humanidade. As guerras, as nações futuras, os tormentos porvindouros, o comercialismo, as lutas ideológicas da civilização ocidental, estão ali pormenorizadamente entrevistados. E a figura mais dolorosa, ali relacionada, que ainda hoje se oferece à visão do mundo moderno, é bem aquela da igreja transviada de Roma, simbolizada na besta vestida de púrpura e embriagada com o sangue dos santos. (23)

A REDAÇÃO DOS TEXTOS DEFINITIVOS

Nesse tempo, quando a guerra formidável da crítica procurava minar o edifício imortal da nova doutrina, os mensageiros do Cristo presidem à redação dos textos definitivos, com vistas ao futuro, não somente junto aos Apóstolos e seus discípulos, mas igualmente junto aos núcleos das tradições. Os cristãos mais destacados trocam, entre si, cartas de alto valor doutrinário para as diversas igrejas. São mensagens de fraternidade e de amor, que a posteridade muita vez não pôde ou não quis compreender.

Muitas escolas literárias se formaram nos últimos séculos, dentro da crítica histórica, para o estudo e elucidação desses documentos. A palavra *apócrifo* generalizou-se como o espantalho de todo o mundo. Histórias numerosas foram escritas. Hipóteses incontáveis foram aventadas, mas os sábios materialistas, no estudo das idéias religiosas, não puderam sentir que a intuição está acima da razão e, ainda uma vez, falharam, em sua maioria, na exposição dos princípios e na apresentação das grandes figuras do Cristianismo.



A grandeza da doutrina não reside na circunstância de o Evangelho ser de Marcos ou de Mateus, de Lucas ou de João; está na beleza imortal que se irradia de suas lições divinas, atravessando as idades e atraindo os corações. Não há vantagem nas longas discussões quanto à autenticidade de uma carta de Inácio de Antioquia ou de Paulo de Tarso, quando o raciocínio absoluto não possui elementos para a prova concludente e necessária. A opinião geral rodopiará em torno do crítico mais eminente, segundo as convenções. Todavia, a autoridade literária não poderá apresentar a equação matemática do assunto. É que, portas a dentro do coração, só a essência deve prevalecer para as almas e, em se tratando das

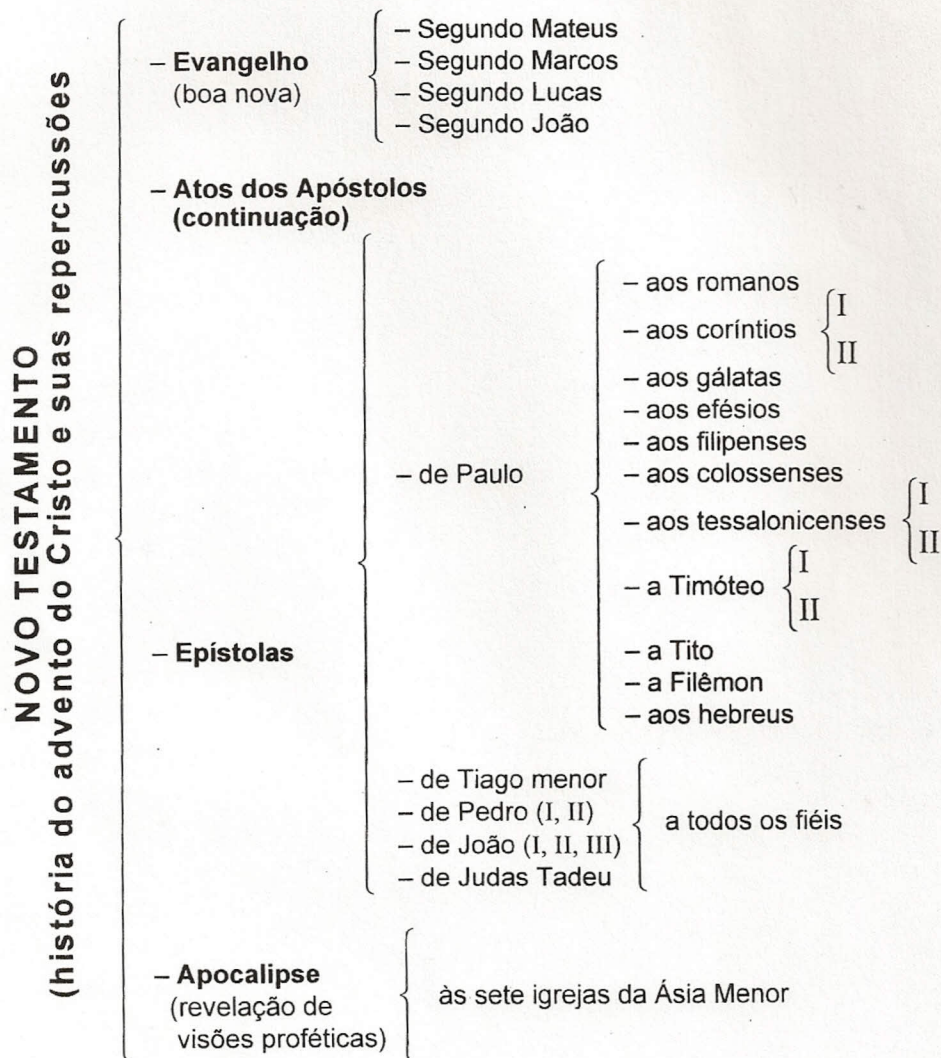
conquistas sublimadas da fé, a intuição tem de marchar à frente da razão, preludiando generosos e definitivos conhecimentos. (22)



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
CAMPANHA DE ESTUDO SISTEMATIZADO
DA DOUTRINA ESPÍRITA

ANEXO 01

PROGRAMA VI
ROTEIRO Nº 09



MACEDO, Roberto. In: __. Vocabulário Histórico-Geográfico. Rio [de Janeiro]: FEB, 1960.
Pág. 83.

